

By Yussuf Adam, posted on the Facebook page Lutar por Cabo Delgado on 14 April 2020.
https://www.facebook.com/LutarCaboDelgado/posts/140115927554338?_tn_=_K-R

English translation by Joseph Hanlon

By Yussuf Adam:

The situation in Cabo Delgado is getting more serious every day. The attack on the Nangolo Mission is particularly sad. In 1963 those from MANU or another organization killed Father Holandes Mathyas Boorman. Unfortunately 57 years later the Mission was again attacked. Where is the carved Maconde Christ that existed in the Church? After Independence I found it inside an underground shelter without an arm. Later it was at the altar with the arm replaced by some sculptor with a lot of art, technique and love. The details that come from Cabo Delgado risk overshadowing the problem.

The jihadist groups, the Ahle al-Sunnah, the violent extremist groups, the insurgents were created by an internal political and administrative process that gave them no voice, that discriminated against them, that marginalized them, made their socio-economic characteristics, poverty, etc. extreme. These groups were alienated from the government of administrative posts, from district governments, from provincial governments and their services, from the Mozambican government. They were marginalized by the State. Factors such as corruption, nepotism, the lack of democracy, freedom of expression, and a lack of rigorous justice further marginalized these groups. Instead, they found armed violence and support from throughout the world for that form of struggle.

They destroy, kill, decapitate and at the same time gain support by acting as a Robin Hood of the Poor. These militants do not come from a single religion or ethnic group in Cabo Delgado. These marginalized groups blame other groups and segments of the population for their fears and sufferings. The first response to these violent extremist groups was based on an analysis of the cold war, CIA-type of analysis, of capturing the gas and oil and destabilizing Cabo Delgado.

Radical young Muslims were chased and arrested. In the mosques, the old imams were unable to challenge a radicalized youth, some trained in foreign madrassas and others trained by Islamist guerrillas who had fought against the Russians in Afghanistan, or in Libya or Sudan. These networks span the international jihadist world linked to southern and eastern Africa. These violent and extreme groups blame other groups of the population for their suffering.

Since 1990, these extremists have gained ground. Our national strategies to prevent and fight extremism have had no effect. A senior member of the Mozambican army who was one of the participants in a seminar in Stellenbosch (7-11 May 2018) told me that I should stop studying these jihadists because the army already had the chiefs in jail, that a container with 40 tons of weapons he had been captured and the corrupt chief who supported them was dead. I should find something else to do. Unfortunately, I continue to study the subject, and we do not know where the chief who was at the Stellenbosch seminar has gone.

We need to develop a response strategy that is not only based on the use of force, torture, fictitious judgments, repression of journalists and freedom of expression. The fact that violent extremists are in control of territories and carry out daily attacks in Cabo Delgado with deaths and destruction makes the situation more difficult. Repression and the military response is necessary but must not allow insurgents to become martyrs and saviours of the country. There is a work to be done urgently of mobilization and clarification, of organizing together with the communities. We must deploy people, institutions and capacities to carry out this work. Blind violence and distrust will not help us to restore order. Violent extremism controls villages, quite vast regions in Cabo Delgado. Train young people in the old re-education camps like Ruarua. Criticize the regime for its mistakes.

But it does not seem to me that the majority of Mozambicans, even Muslims, considered them Muslims. They consider insurgents terrorists, madmen, falsifiers of Islam. Many of these "born again Muslims" have programs and projects to set up their schemes for economic and political exploration. The fight against terror cannot be based on terror. There is a need for a military response but also for mobilization systems that remove their ability to become fish in water.

Yussuf Adam

Yussuf Adam original in Portuguese

Por Yussuf Adam:

A situação em Cabo Delgado está a ficar cada dia mais grave. Tristeza o ataque a Missão de Nangololo. Em 1963 os da MANU ou outra organização mataram o Padre Holandês Mathyas Boorman. Infelizmente 57 anos depois atacaram a Missão. Onde está o Cristo maçônico que existia na Igreja. Depois da Independência encontrei o dentro de um abrigo subterrâneo sem um braço. Depois estava no altar com o braço que algum escultor repara com muita arte, técnica e amor. Os detalhes que vêm de Cabo Delgado correm o risco de ofuscar o problema. Os grupos djihadistas, os Ahle al Sunna, os grupos extremistas violentos, os insurgentes foram criados por um processo político e administrativo interno que não lhes deu voz, que os discriminou, que os marginalizou, tornou as suas características socioeconómicas, pobreza, etc. extremas. Estes grupos ficaram alienados do governo dos postos administrativos, dos governos dos distritos, dos governos provinciais e dos seus serviços, do governo moçambicano. Ficaram marginalizados pelo Estado ou do Estado. Factores como a corrupção, o nepotismo, a falta de democracia, de liberdade de expressão, uma justiça pouco rigorosa marginalizou ainda mais estes grupos que encontraram na violência armada e nos apoios em todo o Mundo uma forma de luta. Destroem, matam, decapitam e ao mesmo tempo vão ganhando apoios actuando como Robin Hood dos Pobres. Estes insurgentes não têm militantes de uma única religião ou grupo étnico em Cabo Delgado. Estes grupos marginalizados culpam outros grupos e segmentos da população para os seus medos e sofrimentos. A resposta às primeiras manifestações destes grupos extremistas violentos foram baseadas numa análise da guerra fria 'trabalho da CIA, captura dos inermes e do gás and oil, desestabilização de Cabo Delgado. Jovens mucedanos radicais foram perseguidos e presos. Nas mesquitas os velhos imãs não conseguiam enfrentar esta juventude radicalizada e as vezes formada em madressas no exterior e em guerrilhas islâmicas contra os russos no Afeganistão, na Líbia, Sudão,. As suas redes estendem-se pela internacional djihadista pelo Mundo fora e pela África Austral e Oriental. Estes Grupos violentos e extremistas culpam outros grupos da população pelo seu sofrimento. Desde 1990 os Extremistas têm ganho terreno. As nossas estratégias nacionais para prevenir e lutar contra o extremismo não violento não surtiram efeito. Um alto-gradado do exército moçambicano que era um dos participantes num seminário em Stelebosch de 7 a 11 de maio de 2018 disse-me que devia deixar de estudar esses djihadistas pois o exército já tinha os chefes na cadeia, que um contentor com 40 toneladas de armas tinha sido capturado e o chefe corrupto que os apoiou estava morto. Que eu arranjasse outra coisa para fazer. Infelizmente eu continuo a estudar o assunto, o chefe que era participante no seminário organizado pelo centro africano de estudos estratégicos e pela Universidade de Stellenbosch e onde estavam combatentes veteranos de Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde, Moçambique não sei por onde anda. Precisamos de desenvolver uma estratégia de resposta que não esteja só baseada no uso da força, na tortura, nos julgamentos fictícios, na repressão de jornalistas e da liberdade de expressão. O facto dos extremistas violentos estarem a controlar territórios e realizarem ataques diários em Cabo Delgado com mortes e destruições torna a situação mais difícil. A repressão e a resposta militar é necessária mas não deve permitir que os insurgentes se transformem em mártires e salvadores da pátria. Há um trabalho de mobilização e de esclarecimento, de organização em conjunto com as comunidades a ser feito urgentemente e dispomos de pessoas, instituições e capacidades para levar a cabo esse trabalho. A violência cega e a desconfiança não nos ajudarão a repara a ordem. O extremismo violento controla aldeias, regiões bastante vastas em Cabo Delgado. Trema jovens nos antigos campos de reeducação como Ruaruá. Critica o regime pelos seus erros. Mas não me

parece que a maioria dos mocambicanos mesmo os muculmanos os conseram muculmanos. Consideram os insurgentes terroristas, loucos, falsificadores do islam. Muitos destes born again muslims .muculmanos renascidos tem programas e projectos para montar os seus esquemas de exploracao economica e politica. A luta contra o terror nao pode ser baseada no terror. Ha uma necessidade de uma resposta militar que os conteha mas tambem de sistemas de mobilizacao que lhes retire a capacidade de se transformarem no peixe na agua que nao sao...

Yussuf Adam